

## **A Xilogravura como Viés de Fortalecimento da Identidade de Crianças de Comunidades Campesinas**

### **Woodcuts as a Means of Strengthening the Identity of Children from Rural Communities**

Renata Jaqueline Lira França<sup>1</sup>

Maria Fernanda dos Santos Alencar<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo compreender como a cultura popular da xilogravura contribui para o fortalecimento da identidade das crianças em comunidades campesinas, visto que cada vez mais, como efeito da globalização, as crianças têm perdido seu fortalecimento da identidade. Mediante esse contexto, a cultura popular sofreu apagamento e não foi inserida nos currículos escolares prejudicando a visibilidade da arte popular nas escolas. A pesquisa de abordagem qualitativa, realizou análise em livros didáticos; entrevista a uma professora e uma estudante de turma multisseriada de uma escola do campo do município de Sairé, campo de pesquisa e ao artista xilógrafo Joel Borges. Nas considerações finais, destacamos: a) a importância da arte popular no currículo escolar porque possibilita conhecer e refletir o contexto de vivências da comunidade e a cultura da região; b) problematização do olhar sobre o campo e a visão de que se deve estudar para sair do campo em decorrência da ausência do reconhecimento do campo como lugar de vida, cultura e trabalho; e c) sentimento de identificação e representatividade através da xilogravura.

**Palavras-chave:** Comunidades campesinas; xilogravura; arte popular; identidade.

**ABSTRACT:** This text aims to understand how the popular culture of woodcuts contributes to strengthening the identity of children in rural communities, since increasingly, as an effect of globalization, children have lost their identity essence. In this context, popular culture was erased and was not included in school curricula, damaging the visibility of popular art in schools. The qualitative approach research carried out analysis of textbooks and interviews with a multi-grade class teacher, a student from a rural school in the municipality of Sairé, the research field, and woodcut artist Joel Borges. In the municipality of Bezerros, located in the countryside of Pernambuco, the Borges family is world-renowned for producing woodcuts. This portrays the identity, culture, memory and creativity of the rural people of Northeastern Brazil, inserting it into the knowledge process of popular education. Thus, the woodcut depicts the daily life of the community, animals, field work, reality, life, people's hopes and, given this perspective, recognized as popular art, it becomes a reaffirmation and representation of northeastern culture. .

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia (CAA|UFPE)

Profa. Orientadora- Curso de Licenciatura em Pedagogia - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

<sup>2</sup>

**Keywords:** peasant communities; woodcut; folk art; identity.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de estudos desenvolvidos na disciplina de Fundamentos e Processos da Educação Popular que possibilitou análises e reflexões sobre o saber popular e a sua importância para o processo de constituição da identidade pessoal, cultural e social das pessoas. Nesse processo, observamos que cada vez mais as crianças perdem a essência da comunidade e muitas das vezes a família e as escolas não se preocupam com essa perda cultural e em consequência, as gerações vão se desenvolvendo sem conhecer as histórias tradicionais dos lugares onde vivem, a história do seu lugar de origem, os vínculos do passado, os saberes, a cultura, as memórias e assim se perdem laços de identidade e reconhecimento de sua identidade.

No campo, esse fenômeno ocorre como uma fuga da vida e da cultura campesina. Geralmente, as pessoas que residem no campo não gostam de ser vistas como camponeses e buscam sempre cortar seus vínculos com as raízes do campo. Com isso, tantos saberes e informações preciosas acabam se perdendo.

A Educação do Campo, como modalidade da educação básica, traz em sua finalidade a apreensão e compreensão sobre a realidade dos povos tradicionais, comunidades e trabalhadores agrícolas que vivem, sobrevivem e lutam por direitos em áreas campesinas. A cultura popular de muitos desses povos, comunidades e trabalhadores foram relegadas, a história da cultura local foi invisibilizada não sendo trabalhada nos currículos e em propostas pedagógicas, a cultura nordestina.

A xilogravura, como expressão da arte cultural, é a arte popular que conta história e reflete a cultura do lugar de origem em que o artista cresceu, trabalha a dança, o folclore, a religião, o trabalho, o cotidiano, a vida em coletividade dentre outros temas e aspectos. Para Lopes e Macedo (2011), o currículo escolar define, forja nossa identidade, ele se estabelece como um discurso que nos possibilita reconhecer e nos posicionar no mundo, nos direcionando ao que podemos ser, dizer, calar e fazer. Então, seguindo a compreensão de Lopes e Macedo, a escola tem um papel importante ao trabalhar a arte popular, neste caso, a xilogravura, porque essa pode e deve ser um potencializador para fortalecer o vínculo identitário, principalmente, em comunidades rurais nordestinas que é o foco da xilogravura popular.

Através dos aspectos citados e a importância da cultura, da arte na vida e na constituição da identidade das pessoas, temos como questão problema para esta pesquisa:

De que forma a arte popular xilogravura contribui para o fortalecimento da identidade das crianças de comunidades campesinas?

O nosso interesse em refletir sobre este assunto surge do reconhecimento da importância desses valores na vida dessas crianças e nas práticas pedagógicas utilizadas por professoras e professores de escolas situadas no campo, porque mediante aspectos de negação de determinadas culturas em detrimento de outras, torna-se notório o apagamento cultural de identidades, o que não pode ser posto como algo bom. Neste sentido, temos como objetivo geral: Identificar a contribuição da xilogravura para o fortalecimento da identidade de crianças que vivem em comunidades campesinas. Neste caminho, temos como objetivos específicos: 1) Identificar a presença da xilogravura em materiais didáticos e na prática pedagógica escolar; e 2) descrever a importância da xilogravura para o fortalecimento da identidade das crianças de comunidades campesinas.

O segundo tópico deste trabalho aborda sobre a Educação Popular e a arte popular nas escolas do campo e a sua contribuição para o fortalecimento da identidade de crianças de comunidades campesinas. Neste, trazemos alguns autores para a discussão das categorias centrais de nosso estudo: sobre Educação popular e arte popular nos apoiamos em Freire (2006); Brandão (2006, 1995) Torres (2011) ; globalização e cultura em Del’Olmo (2006); Ramos (2006), Hall ( 2006) e comunidades rurais/campesinato, em Motta; Zarth (2008).

No terceiro tópico, discorremos sobre a Educação do campo, sua importância para as comunidades campesinas e o diálogo que ela estabelece com a Educação Popular considerando as contribuições dos seguintes autores: Santos (2016), Arroyo; Caldart e Molina (2004), Ribeiro (2010) e Feitoza (2005). O quarto tópico apresenta abordagem metodológica utilizada: a qualitativa, com uso da entrevista estruturada.

No quinto tópico, de título “A xilogravura como viés de fortalecimento de identidades: a importância da xilogravura de Joel Borges - Bezerros/PE”, apresentamos as análises sobre o livro didático e as entrevistas. Neste, destacamos por meio das falas das entrevistas, a importância da xilogravura como viés de fortalecimento de identidades, da arte popular xilogravura e a relevância da família Borges e do xilogravurista Joel Borges, de forma particular, para a circulação de saberes sobre a xilogravura e a representação e notabilidade da cultura do nordeste brasileiro. Por fim, as considerações finais.

## **2 EDUCAÇÃO POPULAR E A ARTE POPULAR NAS ESCOLAS DO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS DE COMUNIDADES CAMPESINAS**

A Educação Popular é uma abordagem teórica que compreende a educação a partir do pensamento de Paulo Freire (2006), ou seja: no viés político, ela não é neutra, há intencionalidades no processo de formação, ou para a libertação, ou para a opressão. Nesta concepção, a educação é libertadora, crítica, problematizadora, comprometida e ativa. Há a compreensão de que todo ser humano é produtor de conhecimento e de que devemos reconhecer os diversos saberes advindos dos saberes populares e os contextos de formação, referenciados na realidade vivida e experienciada.

O segundo viés da educação popular é o pedagógico. Neste Paulo Freire(2006) analisa as relações para a produção do conhecimento que ocorre a partir da participação, do respeito, da escuta do saber do outro e da outra “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2006). O diálogo na relação pedagógica é essencial porque sem ele ocorre a opressão e a imposição de um saber sobre outro saber. Nesta perspectiva, torna-se importante a relação entre professores e estudantes, a motivação para a curiosidade, a criatividade, a participação. E no processo de desenvolvimento da prática docente, é essencial acolher os saberes, a experiência de vida da comunidade como matéria prima para ensinar de forma democrática.

Brandão (2006), ao situar a sua compreensão de educação popular o faz alicerçado no pensar de Paulo Freire, colocando que esse foi o grande defensor da educação para os oprimidos e para as classes populares.

[...] educação popular é educação das classes populares. É uma prática pedagógica politicamente a serviço das classes populares. Isto porque a operários, camponeses, lavradores sem terra e trabalhadores sem emprego, é atribuída a tarefa histórica de realização das transformações sociais a que deve servir a educação (Brandão, 1995, p. 27).

Torres (2011) também expõe seu pensar sobre a educação popular considerando que essa traz contribuições para a formação de sujeitos reflexivos e críticos de realidades opressoras e situações de desigualdades que necessitam ser transformadas. Assim, a educação popular pode contribuir para o processo de formação de subjetividades coletivas. Assim, a educação popular se forma e se constitui por meio de

Um conjunto de atores, práticas e discursos que se identificam em torno de ideias centrais: seu posicionamento crítico frente ao sistema social imperante, sua orientação ética e política emancipatória, sua opção com os setores e movimentos populares, sua intenção de contribuir para que estes se constituam em sujeitos a partir do alargamento de sua consciência e subjetividade, e pela utilização de métodos participativos, dialógicos e críticos (Torres, 2011, p.76).

Neste sentido, Torres reconhece a educação popular como possibilidade de refletir sobre questões importantes que favorecem as desigualdades sociais, ocasionando a não naturalização de realidades perversas que tornam seres humanos menos, sem identidade, história, memória, trabalho e vida.

Brandão ressalta a educação popular como, “A educação através da qual ele, o sujeito, não se vê apenas como um anônimo sujeito da cultura brasileira, mas como um sujeito coletivo da transformação da história e da cultura do país” ( Brandão, 2006,p. 103). Ao abordar o sujeito como sujeito coletivo, consciente e pertence a um grupo, a uma cultura; Brandão aponta o poder de transformação que temos a partir de como nos vemos e nos situamos no mundo, não somos sós, anônimos, somos pertence a lugar, a uma cultura, a uma comunidade, a um coletivo. É nesta perspectiva que a educação popular valoriza o trabalho, a luta e resistência como fontes de aprendizagem e saber, reconhece a cultura, a arte, os saberes populares como princípio para uma formação humana.

Entretanto, várias transformações ocorreram e ainda ocorrem no contexto da sociedade moderna em consequência da globalização, envolvendo aspectos da economia, política e cultura valorizando o ser individual, em constante evolução, mas adaptável às circunstâncias mundiais. Para Del’Olmo, a globalização

[...] é um termo que carrega, em si, alta carga de imprecisão conceitual, sendo usado para identificar aspectos diversos da vida social, como a universalização de padrões culturais, expansão e fortalecimento de instituições supranacionais e, especialmente, forte internacionalização dos processos econômicos (Del’Olmo, 2006, p.50).

Ramos (2006, p. 39) compreende que em “nome da construção das identidades nacionais, inúmeras ações foram e são postas em prática visando à homogeneização de significados”; por meio de políticas que materializam culturas nacionais na busca de uma hegemonia. O autor faz uso do pensamento de Swain (1994, citado por Ramos, 2006, p. 40) de que “a vida social produz, além de bens materiais, bens simbólicos e imateriais,

um conjunto de representações, cujo domínio é a comunicação, expressas em diferentes tipos de linguagem, discursos que se materializam em textos ‘imagéticos’, iconográficos, impressos, orais, gestuais, etc.” Neste sentido, o autor explica que os estudos sobre a memorial nacional há a afirmação de que “as nações agem de forma a sufocar a memória dos grupos minoritários ou ideologicamente concorrentes é lugar comum”, completando que a memória social é seletiva e, em consequência, nem tudo o que se vive se deve ter recordação (Ramos, 2006).

O acesso às novas tecnologias, com informações diversas, culturas diversas, nos chega e neste há o processo de universalização de padrões sendo impostos para que as pessoas se transformem e se adaptem a novas formas de se reconhecer, negando o que culturalmente fazia parte de suas realidades. Então, o que muitas vezes era reconhecido nas comunidades rurais-camponesas não o é mais; ou pode não vir a ser. Há uma seletividade de quais culturas, saberes e conhecimentos adentram o espaço das pessoas, principalmente, o espaço das escolas. Neste contexto, ocorre a invisibilidade da cultura, de pessoas, da não escuta de histórias, memórias, do não reconhecimento e valorização dos saberes passados de geração em geração. São criados suportes para que haja a adaptação a tais mudanças. Novos hábitos vão surgindo, comportamentos e valores também, em uma fina relação com o capitalismo, para melhor satisfazer o sistema (Hall, 2006).

Entretanto, o sujeito do campesinato se difere da perspectiva posta acima porque conforme posto por Motta; Zarth (2008), o campesinato é uma forma social de produção das comunidades, seus princípios estão no caráter familiar, voltado para as necessidades da sua família. É um modo de vida, que é mais além do que uma simples forma de produção, é uma cultura particular. Neste sentido, as autoras explicam que:

[...] o campesinato, forma política e acadêmica de reconhecimento conceitual de produtores familiares, sempre se constituiu, sob modalidades e intensidades distintas, um ator social da história do Brasil. Em todas as expressões de suas lutas sociais, seja de conquista de espaço e reconhecimento, seja de resistência às ameaças de destruição ao longo do tempo e em espaços diferenciados, prevalece um traço comum que as define como lutas pela condição de protagonistas dos processos sociais (Motta; Zarth, 2008, p. 10).

Assim, há uma centralidade nos movimentos sociais que representa as pessoas do campo e traz em suas lutas a proposição de uma concepção de educação que se alia a Educação do Campo, ou seja, compreende o papel da educação para a emancipação humana, que valorize a história dos sujeitos, sonhos, lutas; que produz conhecimentos

para lutar pelos direitos à terra, à água, à boa alimentação, à educação, que exalte sua identidade e cultura. Uma educação,

Como um processo sociocultural em que os sujeitos resgatam, constroem e ressignificam práticas, saberes e experiências numa perspectiva crítica e criativa de empoderamento do sujeito histórico e do coletivo, de construção e valorização integral dos seres humanos e de uma visão crítica do meio em que vivem. (Resab, 2007, p.44).

Dessa forma, a educação nas comunidades rurais tem como finalidade contribuir para a formação humana das pessoas, permitindo o acesso a saberes científicos, populares, a valorização das memórias, das artes populares, das crenças e da sabedoria popular. Esse conhecimento popular necessita tomar conta das comunidades e das escolas para que se adquira conscientemente e propositalmente o saber da cultura e da arte popular e de seus protagonistas por meio do currículo da escola.

Nesse processo de formação, a arte popular, na perspectiva da cultura popular, se encontra no sentido de educação popular porque fortalece os saberes e fazeres das comunidades, dos povos tradicionais ensinando e transmitindo conhecimento, memórias, histórias e cultura por meio da arte. É nesse caminho que se solidifica a xilogravura como expressão do saber e do fazer popular que conta e ensina a vida de um povo, e neste caso, do povo nordestino.

No processo da busca da compreensão do conceito de educação popular pelos que fazem a cultura popular, foi entrevistado o Joel Borges, xilogravurista sujeito de nossa pesquisa, de quem falaremos mais adiante. Ele define seu trabalho na perspectiva da arte popular e nos apresenta a relação da arte popular com a educação popular, apontando o que para ele é educação popular.

Meu trabalho é popular, é arte popular. Não são trabalhos tirados de revistas, televisão, nem de jornais. É um trabalho criado pelo artista [...]se é educação popular e eu dava aula de xilogravura, era educação popular! Já que meu trabalho é popular. (Extrato de Entrevista, Joel Borges, 01.10.2022).

Joel Borges expressa a relação entre a arte popular como aquela que expressa a criatividade do artista popular na representação da realidade vivenciada, do cotidiano e das representações do cotidiano, sentidas e simbolizadas. E no encontro deste artista popular com o ensinar para o seu povo, há a educação popular. A esse sentido de educação popular, Brandão (2006), no diálogo com o pensar de Freire, intitula como “A educação popular como saber da comunidade”, um saber que surge e circula e por meio dele diz a palavra, palavra poder e empoderamento. Assim explica:

Aprendemos a experimentar o ofício da forma de compromisso com o homem — com o povo — a que ela conduz. Aprendemos, finalmente, a crer que, se é com palavras que são escritas as regras que oprimem e consagram a opressão, com elas também os homens entre si podem falar e escrever frases e modos de saber que, pronunciados e exercidos, poderão um dia libertar o homem e os seus mundos. (Brandão, 2006, p. 8)

Assim, verificamos a importância de dizer a palavra e os seus sentidos para compreendermos como ela age em nosso se fazer humano. A arte popular dá sentido e significância ao pensar e sentir do povo que não tem como muitas vezes expressá-lo.

### **3 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA IMPORTÂNCIA E DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR**

A Educação do Campo é uma modalidade da educação básica que surge através da luta de um povo camponês trabalhador, que batalha para permanecer nas comunidades da área rural, mesmo encontrando tantas adversidades em busca de melhores condições de vida, de trabalho, de justiça social e educação de qualidade para toda sua família. Essa luta ocorre por meio de movimentos sociais do campo que visam a educação na perspectiva popular, ou seja, na concepção de uma educação que atenda as necessidades respeite os diversos saberes e tipos de pessoas que habitam o campo. Para Santos (2016), a Educação do Campo favorece a produção de um conhecimento que problematizado possa refletir a realidade, as identidades postas e construção de “referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não seja o trabalho produtivo para o capital”. (Santos, 2016, p.170).

Por isso, é relevante a valorização do espaço onde a escola está localizada, às raízes culturais dessa população não podem ser menosprezadas. O(a) professor/a da escola do campo deve conhecer bem aquele território, a realidade dos estudantes, da família, da cultura, dos modos de produção e de vida e suas significações.

A escola do campo deve fortalecer a cultura e a identidade, incentivando e promovendo melhorias na situação da população rural, respeitando as particularidades do local, da família e seus saberes. Sendo assim, o papel da escola é o de tornar as pessoas melhores e conscientes do lugar que ocupam no mundo. Sob o mesmo ponto de vista Teves (1992) diz que

Conhecer uma realidade é, portanto, reconhecê-la como historicamente determinada, constituída por sujeitos que a representam, ou simbolizam. Sob a forma de percepção, de intuição, de sensações, de

concepções, a realidade é sempre uma realidade para um indivíduo ou grupo de indivíduos que compartilham entre si o sentido dessa realidade (Teves, 1992, p.7).

A educação popular se aproxima da concepção da Educação do Campo porque entende o papel da educação na possibilidade da emancipação humana, servindo de base e se interligando ao mesmo pensamento, necessidades e finalidades que prezam pelo bem coletivo.

Para Ribeiro (2010), a expressão campo remete às lutas históricas do Campesinato e a educação popular carrega o sentido das organizações populares do campo e da cidade que, na sua caminhada histórica, participam, realizam e sistematizam experiências de educação popular. Dentre essas experiências estão o método Paulo e a Educação do Campo, apresentado por Arroyo; Caldart e Molina (2004).

E neste encontro político, teórico e pedagógico, a Educação do Campo apresenta elementos políticos e pedagógicos da educação popular, possibilitando pensar a educação numa perspectiva emancipatória. Ambas se norteiam nos ensinamentos de Paulo Freire, inserindo-se em contextos históricos e sociais num processo dinâmico e de múltiplas relações, refletindo de forma crítica e problematizadora, mas principalmente dialógica.

A emancipação, finalidade da Educação do Campo e da educação popular, é compreendida por Feitoza (2005) como

Conscientização, racionalidade e ao mesmo tempo, adaptação dos homens ao mundo, no sentido de ensinar orientações para que estes homens e mulheres se situem no mundo. [...]. Uma educação emancipatória deve desenvolver princípios individuais e sociais (adaptação e resistência). (Feitoza, 2005, p. 10).

Neste entendimento, a arte da xilogravura é uma das possibilidades do desenvolvimento da identidade porque como ensina Sayão (2019, p. 4) “oferece aos educandos a oportunidade de compreender o trabalho humano parcialmente livre da opressão” porque “favorece o caráter emancipador da educação popular proposta por Freire”.

#### **4 PROCEDER METODOLÓGICO**

A pesquisa se orienta pela abordagem qualitativa. Como afirma André (1995, p. 17), “a abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em

conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas”. Como instrumento de coleta de dados, escolhemos a entrevista estruturada, pois as perguntas já tinham sido elaboradas antes do momento da entrevista, a partir dos nossos objetivos e de questões trabalhadas durante as aulas de Educação Popular.

A pesquisa foi realizada no Sítio Cruzeiro do Oeste, localizado no município de Sairé-PE, mas que fica bem próximo as cidades de Bezerros-PE e Gravatá-PE. Parte da entrevista foi realizada na única escola da comunidade, que atende crianças desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental-anos iniciais e no ateliê do xilógrafo Joel Borges, no mês de Outubro de 2022, inicialmente com o propósito da elaboração de um artigo para fins de avaliação da disciplina de Fundamentos e Processos e Processos da Educação Popular.

A entrevista foi feita a professora durante o período do intervalo, a aluna em sua própria casa, no período em que ela não estava na escola e ao Joel Borges em seu ateliê durante um final de semana, os três ambientes citados acima se localizam no Sítio Cruzeiro do Oeste, mas a professora reside na zona urbana.

Entrevista a Joel Borges com 3 questões que versaram sobre a relação da arte popular com a educação popular; a importância da cultura popular da xilogravura e a educação das crianças da comunidade e a representação da importância da xilogravura nos espaços acadêmicos. A entrevista foi realizada em 1 de outubro de 2022, na residência e atelier de Joel Borges, na comunidade rural Sítio Cruzeiro do Oeste, no município de Sairé-PE.

A entrevista com a estudante se estruturou em 7 perguntas e foi realizada em 4 de outubro de 2022. A estudante está no 5º ano do ensino fundamental, tinha a época 11 anos de idade e estudava em uma turma multisseriada na zona rural Sítio Cruzeiro do Oeste do município de Sairé – PE e participou com outros colegas e a professora da visita ao ateliê de Joel Borges. As perguntas foram as seguintes: 1) Você gostou de conhecer o ateliê de Joel Borges? 2) O que mais chamou a sua atenção ? 3) Qual xilogravura chamou mais a sua atenção? 4) Como foi ter contato com a arte da xilogravura?; 5) Se você fosse fazer uma xilogravura, o que faria? 6) Como você mora aqui na comunidade ver a arte da xilogravura? 7) Vocês tiveram a prática de fazer xilogravuras em sala de aula com o E.V.A, o que você fez?

A entrevista com a professora foi realizada em 4 de outubro de 2022. Para ela fizemos apenas a seguinte pergunta: Depois de conversarmos com uma das alunas, percebemos o quão proveitoso foi esse momento para eles. Poderia nos contar mais sobre a sua perspectiva, como professora, sobre as atividades

vivenciadas? Ela é professora efetiva, regente da turma multisseriada do terceiro, quarto e quinto ano, no Sítio Cruzeiro do Oeste.

A partir da resposta da professora, qual o papel da escola para que a arte do nordeste seja valorizada pelo estudante. Neste sentido, observamos que muitas vezes o currículo torna invisível os conhecimentos de outros sujeitos que não são selecionados/escolhidos para compor os conteúdos escolares. Outra coisa que nos chama a atenção é a fala da estudante entrevistada ao dar importância à arte de Joel Borges, quando ele mesmo considera não ter valor em consequência de ser representação da vivência do povo nordestino. A criança em se sentir representada e reconhecida considera o contrário e expressa ser importante porque ela se vê na arte de Joel Borges, nas representações da realidade que ela vive, nas histórias que ela escuta, são espelhos para elas.

## **5 A XILOGRAVURA COMO VIÉS DE FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES: A IMPORTÂNCIA DA XILOGRAVURA DE JOEL BORGES**

A história da xilogravura é vasta e sua relação com a identidade dos povos mais ainda, ao contrário do que muitas pessoas imaginam, não teve sua origem no Brasil e muito menos no nordeste, mas sim no Japão há muito tempo atrás como uma técnica de impressão.

O nome xilogravura é composto pelos termos gregos *xylon* que significa madeira e *graphein* que significa escrever. A técnica surgiu no Japão foi utilizada para impressão de textos. Suzuki (1987) aponta que a xilogravura também foi utilizada para retratar imagens de deuses budistas. A xilogravura se popularizou na segunda metade do século XVII quando o sentimento cultural local crescia (Suzuki, 1987).

A xilogravura chegou ao Brasil com a corte portuguesa que trouxe diversas máquinas de prensa e xilogradores para produção de cartazes dentre outros impressos. A prática da xilogravura, segundo Sodré (1982) logo se concentrou no interior materializando o cotidiano e a cultura do povo nordestino. A partir dessa inserção e finalidade, passou a ser vista não só como recurso tipográfico, mas também como manifestação artística, dando aos futuros xilógrafos a oportunidade de expressarem suas visões de mundo por meio de matrizes e gravuras.

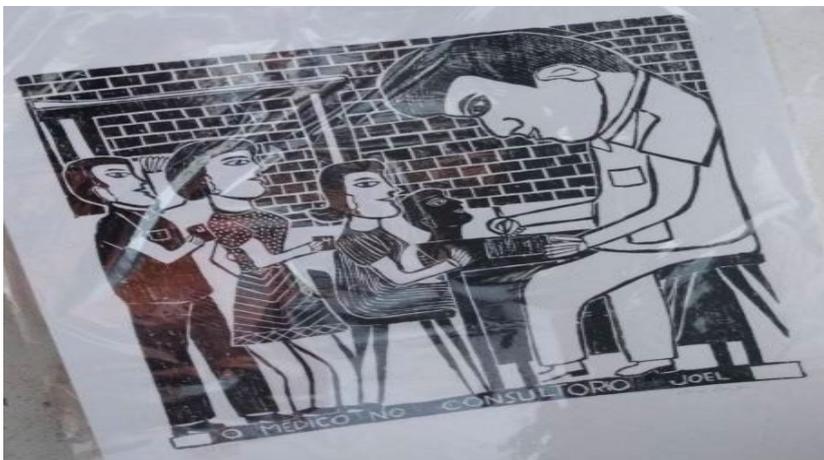
Hoje, a xilogravura é uma arte presente, principalmente no nordeste. A família Borges é uma das principais famílias regionais nordestinas que perpetuam essa arte, tendo como artista mais conhecido J. Borges, mas contando com outros familiares artistas da

cultura que aprenderam com ele a arte da xilogravura, como Tito Borges, Joel Borges, Gilvan Borges e muitos outros artistas.

José Francisco Borges, nascido em 20 de dezembro de 1930, faleceu em 26 de julho de 2024, era mais conhecido por J. Borges, nome pelo qual ele preferia ser chamado. Ele foi o precursor dessa arte popular na família, pois os outros artistas aprenderam com ele, como o caso do nosso entrevistado Joel Francisco Borges, conhecido por Joel Borges. Joel tem 79 anos, é primo de primeiro grau de J. Borges, ambos cresceram juntos e foi com J. Borges que Joel Borges aprendeu a fazer xilogravura, durante o período que trabalhou na gráfica de J. Borges. Joel Borges nasceu e se criou na mesma comunidade em que vive até hoje, no Sítio Cruzeiro do Oeste, que antes era chamado de Sítio Buraco, no município de Sairé-PE. O ateliê se localiza no Sítio Cruzeiro do Oeste, atualmente, Joel Borges não produz mais, mas é nesse espaço onde ele guarda as matrizes e as xilogravuras.

A arte da xilogravura existe em duas faces, a face popular e a face erudita. A arte popular é a mais comum entre os nordestinos. Na arte popular os artistas retratam o que vivenciam e observam em seu dia a dia, além de contar, por meio das artes, histórias e contos populares. O artista Joel Borges (2022) fala sobre este ponto e assume que “não são trabalhos tirados de revistas, televisão, nem de jornais. É um trabalho criado pelo artista!” (EXTRATO DE ENTREVISTA, 2022) de forma que são totalmente originais e que traz a perspectiva e o histórico de cada artista de forma muito individual. Para exemplificar, dispomos neste texto algumas das xilogravuras de Joel Borges.

**Figura 1** – Xilogravura: O Médico No Consultório



**Fonte:** foto autoral do acervo pessoal do artista Joel Borges, 2022.

Nesta obra, Joel Borges relata que recebeu uma encomenda e colocou em prática sua visão popular e seu toque pessoal no que via da representação das pessoas sobre a relação com o médico e o seu saber/poder.

Recebi uma encomenda de um médico pedindo pra eu fazer uma gravura de um médico. Bom, eu fiz da forma que o povo do sítio vê o médico. As mulheres quando vão no posto ficam assustadas pra se consultar as vezes por achar que o médico é melhor que elas e por isso eu fiz o médico grande, é assim que o povo enxerga ele. (Extrato de Entrevista, 2022)

A partir dessa história, podemos perceber como a xilogravura popular reflete a visão do artista sobre determinados contextos do dia a dia e a maneira com que ele expressa a visão da comunidade e não somente a sua própria. Cunha (1987) explica que a cultura é algo ressignificado, reinventada que se investe de novos significados. Neste caso, Joel Borges fez anunciar o significado presente no olhar, pensar e sentir, principalmente das mulheres, gênero que foca, para a relação com o atendimento médico, como aquele que tem o saber e o poder.

Conforme explica Lameira (1987), a xilogravura é feita a partir de uma peça de madeira que passa pelo seu tratamento de corte e lixamento, o desenho do artista sob a madeira e logo depois a talha. Nesse processo surge a matriz, que se chama assim por ser a peça mãe das gravuras que serão retiradas dela. A partir de uma só matriz é possível fazer diversas cópias sem danificar a matriz e a madeira. Assim como o processo de criação, cada artista desenvolve suas próprias técnicas para as fases mais manuais deste processo. Segue imagem de uma matriz:

**Figura 2** – Matriz: Coruja



**Fonte:** foto autoral do acervo pessoal do artista Joel Borges, 2022.

A xilogravura aparece em diversos livros didáticos de história, geografia, artes e muitos outros em diversas editoras. Na pesquisa realizada em materiais didáticos

encontramos, na escola da comunidade Sítio Cruzeiro do Oeste (Sairé-PE) dois livros que tratam sobre a xilogravura, um de forma indireta e outro de forma direta.

**Figura 3** – Livro do Ensino a Arte



**Fonte:** livro didático de artes, *Conectados* da ftd, 2019.

Essa e outras imagens de xilogravuras de artistas diversos se encontram no livro didático *Conectados* do ensino de artes. As atividades que acompanham são atividades que ajudam no desenvolvimento da percepção para com essa arte e de incentivo a produção de desenhos que remetem à xilogravura.

Para além das imagens e atividades, o livro apresenta o passo a passo de como são produzidas as xilogravuras, como mostra na figura 4, o que instiga os alunos a se interessarem pela arte popular.

**Figura 4** – Livro do Ensino a Artes



**Fonte:** livro didático, *Conectados* da ftd, 2019.

Apesar de ser tratado brevemente (de maneira curta e rápida) sobre essa temática no livro de Ensino a Artes, é trabalhado de forma bastante significativa, principalmente quando os alunos podem relacionar com o que vivenciaram.

No ano de 2021, a professora da escola do campo multisseriada, situada no Sítio Cruzeiro do Oeste, que conta com o terceiro ano, quarto ano e quinto ano, elaborou uma sequência didática para trabalhar a xilogravura em sala de aula.

A professora levou as crianças até o ateliê de Joel Borges, localizado na comunidade da escola, para instigar os alunos a conhecer sua cultura e desenvolver conhecimento artístico popular.

Foi incrível ver as crianças conhecendo seu Joel, que é um grande artista nacional! Eles o questionaram, observaram, escutaram atentos tudo que ele tinha para falar e por fim ganharam xilogravuras, o que foi incrível. Todos os alunos saíram impactados positivamente, além do desejo de produzir a arte da xilogravura. (Extrato de Entrevista, Professora, 04.10.2022)

A professora também fala que as crianças ficaram tão entusiasmadas que logo se programaram para produzir com eles suas próprias xilogravuras. Também disse que “eles não podiam mexer com talha e madeira, poderiam se machucar, mas adaptamos e assim realizamos as produções” (Extrato de Entrevista, Professora, 04.10.2022). Segue algumas imagens desta produção em sala de aula:

**Figura 5** – Produção de Xilogravuras em Sala-Escola Multissérie



**Fonte:** foto tirada pela professora durante a produção de xilogravura, 2021.

Os estudantes utilizaram materiais simples em sala de aula: folha de cartolina, lápis cera, tinta guache e tesoura sem ponta, de uso escolar, E.V.A, caneta e o mais importante, suas criatividade. A professora disse “foi muito bom ver eles interagindo naquele momento, todas as artes que eles fizeram foram sobre a natureza, animais que gostam... tudo o que está em volta deles.” (Extrato de Entrevista, Professora, 04.10.2022).

A conversa com a professora, fez surgir mais uma pergunta: Para ela, qual o papel da escola para que a arte do nordeste seja valorizada pelo estudante? Ela respondeu que:

Como muitas crianças não conheciam Joel Borges e nem a xilogravura, embora ele fosse da comunidade e tivesse seu atelier na comunidade, atividades, como as proporcionadas pela escola, possibilitam as crianças se verem e a terem uma ação positiva do olhar sobre elas e a comunidade porque se viram retratadas. (Extrato de Entrevista, Professora, 04.10.2022).

Neste sentido, observamos que muitas vezes o currículo torna invisível os conhecimentos de outros sujeitos que não são selecionados/escolhidos para compor os conteúdos escolares.

Tivemos a oportunidade de entrevistar uma estudante que vivenciou a atividade da visita ao atelier de Joel Borges; e a perspectiva dela não foi diferente da perspectiva da professora, foram muito positivas. Ela pontuou em nossa conversa as suas memórias e os aprendizados.

Ressaltamos que, embora tivéssemos uma sequência de sete perguntas, deixamos a estudante à vontade para falar sobre a sua experiência com a sua produção na aula. Sobre a sua produção artística, ela responde:

Fiz uma árvore. A árvore é muito bonita, é porque dá ânimo pra o lugar. Todo mundo aqui ama a natureza. A gente mora em um lugar onde tem muita árvore e muita flor” (Extrato de Entrevista, Estudante, 04.10.2022).

Essa fala rica de subjetividade nos apresenta a realidade em que as crianças do campo vivem e a importância e a relação com a natureza, a simbologia do meio ambiente e a influência na vida de cada o que contribui na construção do indivíduo.

Ao perguntarmos à estudante sobre qual xilogravura mais marcou durante a visita, ela conta que foi a peça “roubando moça!”, porque tinha um animal que era um cavalo e eu gosto muito de cavalo. Aí por isso ficou na minha mente” (Extrato de entrevista, Estudante, 04.10.2022).

Este relato nos mostra que a xilogravura impactou nela positivamente por evidenciar coisas com as quais ela se identifica e gosta, há uma relação do que estava representado e as suas vivências, ao que dar significado e valor. Isso ocorre também com as demais crianças que vivem no campo ao se depararem com artes que as representam, que as façam enxergar seu mundo, seu cotidiano, sua cultura. Elas se veem nesse universo representado. Neste sentido, vemos a fala de Paulo Freire (1982) de que a leitura do

mundo antecede a leitura da escrita. Há nas crianças e nos adultos leituras que são compreendidas do universo a que pertencem e os fazem reconhecer-se e ter consciência de pertencimento à realidade retratada.

Quando perguntada sobre se é importante estudar sobre a xilogravura, ela enfatiza que foi muito importante, dizendo-se feliz porque não conheciam, não sabiam de Joel Borges, não conheciam a xilogravura e nem sabiam do atelier.

Sim! Porque essa arte faz parte da nossa cultura, faz parte da nossa vida. Porque não é só aqui que a gente vê essas coisas, é em vários lugares. Ela faz parte da nossa vida, como muito mais pessoas conhecendo vão se interessando pra poder fazer, aprender e conhecer mais (Extrato de entrevista, Estudante, 04.10.2022).

A fala da estudante expressa a importância à arte de Joel Borges, quando ele mesmo considera não ter valor em consequência de ser representação da vivência do povo nordestino. A criança em se sentir representada e reconhecida considera o contrário; e expressa ser importante porque ela se vê na arte de Joel Borges, nas representações da realidade que ela vive, nas histórias que ela escuta.

Neste sentido, entendemos que a xilogravura se mostra como grande ferramenta de criatividade e representatividade na visão das crianças sobre suas comunidades e dos espaços em que vivem. Assim como o artista Joel Borges usa da sua arte para expressar o que observa em sua comunidade desde situações, histórias e percepção; é importante que outras pessoas tenham como expressar sua comunidade, sua compreensão de mundo de diversas formas possíveis. Textos, vídeos, imagens, artesanato e muitas outras coisas são guia para futuras gerações se encontrarem enquanto comunidade e sempre reafirmaram sua cultura, seus saberes e identidade.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante deste contexto, pudemos concluir que por diversas vezes as comunidades campesinas são excluídas de diversas práticas educativas necessárias ao processo de reconhecimento e fortalecimento de identidades. Identificamos o quanto a educação popular, presente nas comunidades, contribui de forma efetiva para a formação de crianças, jovens e adultos no reconhecimento de si e de suas origens e histórias.

Esse processo ocorre seja de forma direta, com personalidades da comunidade indo até a escola, nas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar; ou de

forma indireta, com no dia a dia das crianças, com o convívio com sua família, com a comunidade, nas narrativas das histórias passadas de geração em geração, fazendo com que, como afirma Brandão (2006), o saber surja e circule.

Neste contexto de práticas educativas escolares e não escolares, a xilogravura intensifica o sentimento de humanidade e representatividade para os estudantes, criando significado de suas realidades e vivências. A importância da arte popular é visualizada nos olhares das crianças que viam seu contexto de vivências retratado em arte popular, ganhando significado e representação, nas gravuras para cada criança, contribuindo para o fortalecimento não só da identidade, mas também da criatividade e do amor pelo espaço em que vive.

Definimos a importância desse sentimento de identificação com a comunidade que acaba sendo retirada de muitas crianças, desde muito novas, por diversos fatores. Um dos fatores majoritários é a visão antiquada do que significa viver no campo, quando se apresenta o discurso de que se deve estudar para sair do campo e não o do reconhecimento do campo como lugar de vida, cultura e trabalho. Assim, vemos que outras possibilidades são importantes como a de estudar para ampliar os horizontes individuais e da comunidade, fortalecendo a cultura e a permanência do trabalho produzido nas comunidades.

O sentimento de identificação e representatividade que as xilogravuras trazem, ampliam o sentimento de carinho pelo espaço e o pensamento crítico que faz refletir sobre o porquê do povo do campo deve reconhecer as potencialidades do lugar onde se vive.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, Papirus, 199

CAMPOS, Raimundo Sidnei dos Santos. Educação popular e educação do campo na articulação de concepções e práticas educativas emancipatórias. **Anais III CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20872>. Acesso em: 1/08/2024 10:16

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. 2ª ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1987.

DEL'OLMO, Florisbal de Souza. Globalização e Multiculturalismo: aproximações e divergências na atualidade. **Revista Direitos Culturais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 49-72, Dez. 2009. ISSN 2177-1499. Disponível em:

<<http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direitosculturais/article/view/117/97> . Acesso em: 30 Jul. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v1i1.117>.

FEITOZA, R. S. Educação popular e emancipação humana: matrizes históricas e conceituais na busca pelo reino da liberdade. In: **Anais da Reunião Anual da Anped**, 28., 2005, Caxambu. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06757int.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019

FERNANDES, F. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1973.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. A importância do ato de ler – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 2006.

RAMOS, Antonio Dari. Identidades Nacionais e Violência Cultural. **Revista Direitos Culturais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 39-48, Dez. 2006. ISSN 2177-1499. Disponível em: <<http://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direitosculturais/article/view/116>>. Acesso em: 30 Jul. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v1i1.116>

RIBEIRO, Marlene. **Movimento Camponês, Trabalho, Educação. Liberdade, autonomia, emancipação como princípios/fins da formação humana**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RESAB. **Educação para a convivência com o semiárido**: Juazeiro: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, 2005.

SAYÃO, Bruno. Arte, Educação e Liberdade: um olhar a partir de Sérgio Ferro e Paulo Freire. **Revista Arte ConTexto**. V.6, Nº16, dez., 2019. Disponível em: <https://artcontexto.com.br/portfolio/arte-educacao-e-liberdade/#:~:text=A%20arte%20como%20objeto%20de,educa%C3%A7%C3%A3o%20popular%20proposta%20por%20Freire>. Acesso em 30julho2024.

SANTOS. Arlete, Ramos dos. **Aliança (neo) desenvolvimentista e decadência ideológica no campo**: movimentos sociais e reforma agrária do consenso. Editora CRV; Curitiba 2016

SODRÉ, Nelson Wemeck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Martins Fontes, 1982. p. 48

SUZUKI, T. (1988). Origem e desenvolvimento da xilogravura Ukiyo-e. **Estudos Japoneses**, 8, 93-98. <https://doi.org/10.11606/ej.v8i0.142817>

TORRES, Alfonso. **A Educação Popular**: trajetória e atualidade.. Bogota: El Buho, 2011.

## **RENATA JAQUELINE LIRA FRANÇA**

### **A Xilogravura como viés de fortalecimento da identidade de crianças de comunidades campestres**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade ARTIGO CIENTÍFICO como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado(a) em: 16/08/2024.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Fernanda dos Santos Alencar  
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte  
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE  
(Examinadora interna)

---

Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda  
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE  
(Examinador interno)